

**A IMPORTÂNCIA DE CAMÕES  
NA LITERATURA PORTUGUESA:  
UMA INTERTEXTUALIDADE CONTEMPORÂNEA  
COM OS SIGNOS “PORTUGAL, MAR, AMOR”**

Roberta Andréa dos Santos Colombo (CODESP/COJEP)  
[robertas.colombo@hotmail.com](mailto:robertas.colombo@hotmail.com)

Luís Vaz de Camões (1524/25(?)-1580) é considerado o maior poeta renascentista português e uma das mais expressivas vozes de nossa língua. O movimento renascentista em Portugal inicia-se em 1527, e uma das formas poéticas renascentistas são as formas fixas, como os sonetos, que são compostos por dois quartetos e dois tercetos. O estudo camoniano é de suma importância para a compreensão da língua portuguesa, pois Camões é considerado o divisor entre a época arcaica e moderna. Seus textos, sua “engenhosidade e arte” são indiscutíveis. Sua melhor produção clássica foi, para a maioria dos críticos, *Os Lusíadas*, obra de destaque na literatura portuguesa pela expressividade, importância histórica de Portugal, complexidade estrutural, erudição mitológica e fluência retórico poética. Nesta obra, o Poeta Quinhentista não só utilizou os moldes do Movimento Renascentista, como também aprimorou a forma, e fez de *Os Lusíadas* um Cânone.

O cânone literário é o corpo de obra e seu autor considerados “grandes”, “geniais”, por isso, dignos de serem estudados e transmitidos de geração em geração, e conseqüentemente, temos *Os Lusíadas*, um culminar de toda uma cultura.

Camões é considerado um poeta à frente de seu tempo, pois sua modernidade é visível, como em toda a sua obra, tanto no estilo épico, como no estilo lírico. Poucos escritores de língua portuguesa podem ser comparados a Luís Vaz de Camões, entretanto, aqui analisaremos a intertextualidade dos autores contemporâneos Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen e Manuel Alegre com a grandiosa obra épica de Camões. Signos literários como “*Portugal, mar, amor*”, e expressões que configuram ideologias camonianas são marcas incontestes nas obras desses renomados autores contemporâneos. Concomitante a essa relevância, afirmamos a compreensão sobre o conceito de cânone com a citação de Harold Bloom: “Não pode haver literatura forte, canônica, sem o processo de influência literária”. (BLOOM, 2001, p. 17). Peter de Bolla, em seu livro *Towards Historical Rhetorics (Para uma retórica histórica)*, ex-

pressa sua observância sobre a influência literária a partir ponto de vista de Bloom:

Para Bloom, “influência” é ao mesmo tempo uma categoria topológica, uma figura que determina a tradição poética e um complexo de relações psíquicas, históricas e imagísticas... a influência descreve as relações entre textos, é um fenômeno intertextual... tanto a defesa psíquica interna – a experiência de ansiedade do poeta – quanto as relações históricas de textos uns com os outros são elas mesmas *resultado* de leituras erradas, ou apreensão poética errada, e não a sua causa. (BLOOM, 2001, p. 17)

O conceito de intertextualidade foi reutilizado por Julia Kristeva em 1969 para explicar o que Mikhail Bakhtin, na década de 20, entendia por dialogismo, ou seja, são duas variações de termos para um mesmo significado.

A linguagem poética aparece como um diálogo de textos: toda sequência se faz em relação a uma outra proveniente de um outro *corpus*, de maneira que toda sequência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura). (KRISTEVA, 1978, p. 120-1).

Para Bakhtin, a noção de que um texto não subsiste sem o outro, quer como uma forma de atração ou de rejeição, permite que ocorra um diálogo entre duas ou mais vozes, entre dois ou mais discursos. Logo, concluímos que mesmo se a referência intertextual for negada pelo autor cujo texto escreveu, ainda assim terá ocorrido um diálogo, uma intertextualidade entre os textos, pois ao negar, também retomou à referência anterior.

Surgido no meio literário, o fenômeno dialógico ou intertextual pode ser aplicado a outras mídias como as artes plásticas, o cinema e a publicidade. Esses fenômenos literários decorrem a um diálogo com diversas vozes (discursos), sendo perfeitamente reconhecidas, retrabalhadas e apresentando-se com desempenhos diferenciados de suas antecessoras. Assim, o dialogismo bakhtiniano designa a escritura, ao mesmo tempo, como subjetividade e comunicabilidade.

A ocorrência intertextual dá-se por meio de três processos, o da *citação*, o da *alusão* e o da *estilização*. A primeira parte do artigo designa-se pela citação, uma vez que a *citação* firma-se por mostrar a relação discursiva explicitamente e todo o discurso citado é, basicamente, um elemento dentro de outro já existente. Concomitantemente, a segunda parte designa-se pela alusão, que por sua vez não se faz como uma citação explícita, mas sim, como uma construção que reproduz a ideia central de algo já discursado. Por fim, a *estilização* é uma forma de reprodu-

zir os elementos de um discurso já existente, como uma reprodução estilística do conteúdo formal ou textual, com o intuito de reestilizá-lo.

Sem dúvida, a literatura portuguesa não seria um modelo ocidental se não existisse Camões e sua grande epopeia *Os Lusíadas*, e é através de indícios textuais que se encontram na sua poesia, e a que podemos chamar a modernidade do Poeta ou estilo camoniano, que se verificam transgressões, tanto em relação aos modelos clássicos greco-latinos da época como em relação à ordem religiosa e política do poder no tempo de Camões.

*Os Lusíadas* são um poema épico de gênero poético narrativo grandiloquente, em que se destacam temas como o nacionalismo, cristianismo, humanismo, amor, desconcerto do mundo, referências biográficas e mitologia.

As armas e os barões assinalados,  
Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;  
  
E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aqueles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando;  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.  
  
Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta. (L, I, 1-3)

A epopeia é um gênero narrativo em verso, em estilo mais elevado, que visa celebrar feitos grandiosos de heróis reais ou lendários. Tem, pois, sempre um fundo histórico, e a história revelada na epopeia estudada, narra as navegações, mais explicitamente, a descoberta do caminho marítimo para a Índia, feita por Vasco da Gama, o qual, por sua vez, é o

grande protagonista do épico camoniano, embora toda a glória dessa peregrina narrativa esteja sobre o povo português.

**Os Grandes Feitos dos Portugueses**

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas, fabulosas;  
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro,

**Os Heróis Portugueses**

Por estes vos darei um Nuno fero,  
Que fez ao Rei o ao Reino tal serviço,  
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero  
A cítara para eles só cobiço.  
Pois pelos doze Pares dar-vos quero  
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço;  
Dou-vos também aquele ilustre Gama,  
Que para si de Eneias toma a fama.

Pois se a troco de Carlos, Rei de França,  
Ou de César, quereis igual memória,  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha glória;  
E aquele que a seu Reino a segurança  
Deixou com a grande e próspera vitória;  
Outro Joane, invicto cavaleiro,  
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos  
Aqueles que nos Reinos lá da Aurora  
Fizeram, só por armas tão subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora:  
Um Pacheco fortíssimo, e os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;  
Albuquerque terrível, Castro forte,  
E outros em quem poder não teve a morte. (L, I, 11-14)

O conceituado cânone ocidental, *Os Lusíadas*, foi escrito durante toda a viagem de Camões para as Índias. É organizado por partes, e um Canto não depende de outro para ser compreendido, pois pode ser lido por estâncias.

**O velho do Restelo**

Mas um velho de aspeito venerando,  
Que ficava nas praias, entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Três vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
Cum saber só de experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito:

"Ó glória de mandar! Ó vã cobiça  
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atiça  
C'uma aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas! (L, IV, 95-96)

As ideologias propostas por Camões mantêm-se na literatura portuguesa sendo inscritas por elementos intertextuais nas obras de Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen e Manuel Alegre.

Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 – Lisboa, 30 de novembro de 1935), mais conhecido como Fernando Pessoa, foi um poeta e escritor português. Pessoa é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, e o seu valor é comparado ao de Luís Vaz de Camões. E se o gênio de Camões é comparável ao de Públio Virgílio, ao de Dante, Cervantes e Willian Shakespeare, Pessoa também é comparável. O crítico literário Harold Bloom considerou-o, ao lado do poeta chileno Pablo Neruda, o mais representativo poeta do século XX.

Embora tenha participado intensamente das publicações do Modernismo português, seu único livro publicado em vida foi *Mensagem*, obra em versos, ao mesmo tempo lírica e épica. Nela, Pessoa recria a História de Portugal, a partir de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

Sophia de Mello Breyner Andresen (Porto, 6 de novembro de 1919 – Lisboa, 2 de Julho de 2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o Prêmio Camões, em 1999. O Mar é um dos signos mais presentes na criação literária de Sophia. Outro tópico acentuado com frequência na obra de Sophia é o tempo: o dividido e o absoluto que se opõem. Além de poetiza, Sophia também era tradutora, e traduziu do português para o francês, renomados autores portugueses, incluindo o grande gênio Camões.

Manuel Alegre de Melo Duarte (Águeda, 12 de maio de 1936), escritor e político português, iniciou sua vida profissional como político. Sua vida literária começa a partir do livro *Praça da Canção* (1965). Era o nome mais conhecido de uma geração coimbrã (1963-1965) constituída em torno da coleção *Cancioneiro Vértice* e que publicou volumes coletivos de poesia intitulados *Poemas Livres*.

Além da atividade política, salienta-se o seu labor literário, quer como poeta, quer como ficcionista. Pelo conjunto da sua obra recebeu, entre outros, o Prêmio Pessoa (1999), e assim como escritor, é sócio correspondente da classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, eleito em 2005. Com vasta experiência política, Alegre é candidato à Presidência de 2011 em Portugal.

No diálogo intertextual que Fernando Pessoa estabelece com *Os Lusíadas* para escrever *Mensagem*, percebemos que Pessoa busca reafirmar o destino e a grandiosidade da terra e do povo português, conquistada na época de Camões.

Observaremos como a influência do Poeta Quinhentista está presente em nossa literatura contemporânea. Podemos observar essa ideologia no poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa, em que o poema apresenta os dois lados do descobrimento: A posse do mar para o caminho a ser descoberto, e as lágrimas de Portugal.

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu. (M, II, X)

Como vimos, há “um estreito parentesco que une *Mensagem* a *Os Lusíadas*: o *signum* que encontramos à entrada de *Mensagem* já vinha do primeiro verso de *Os Lusíadas*: As armas e os barões assinalados, ambos glorificam a grandeza de Portugal, ambos celebram o domínio do mar; a voz do Velho do Restelo ecoa nas estrofes” (BERARDINELLI, p. 331).

O poema “Mar Português” de Fernando Pessoa, dialoga com o épico camoniano, uma vez que a voz do Velho do Restelo, discursa contra as intenções dos portugueses de realizar a viagem em ambos poemas.

Incontestes também são os signos “mar, Portugal” que Pessoa utiliza em seu poema, os quais confirmam a contemporaneidade do Poeta Quinhentista.

Além dos aspectos temáticos presentes nas obras literárias de Sophia de Mello Breyner Andresen, que fazem a intertextualidade com os textos camonianos, há também nas obras da autora, influências literárias de Fernando Pessoa. No poema *Camões e a tença*, Sophia dialoga com o soneto «Erros meus, má fortuna, amor ardente» de Camões, conceituando assim, a contemporaneidade do Poeta Quinhentista em nossa literatura:

### Camões e a tença

Irás ao paço. Irás pedir que a tença  
Seja paga na data combinada.  
Este país te mata lentamente  
País que tu chamaste e não responde  
País que tu nomeias e não nasce.

Em tua perdição se conjuraram  
Calúnias desamor inveja ardente  
E sempre os inimigos sobejaram  
A quem ousou ser mais que a outra gente.

E aqueles que invoscaste não te viram  
Porque estavam curvados e dobrados  
Pela paciência cuja mão de cinza  
Tinha apagado os olhos no seu rosto.

Irás ao paço irás pacientemente  
Pois não te pedem canto mas paciência.  
Este país te mata lentamente. (S. O. P., III, p.162)

No poema *Camões e a Tença* (*Obra poética III*, p. 162), Sophia estabelece a relação de Camões com a pátria que não lhe deu o devido valor. Camões, um gênio da literatura portuguesa, prestou um serviço incomensurável à pátria, ao escrever *Os Lusíadas*. Também para ele, o país esteve de costas voltadas, deixando-o morrer paupérrimo. Camões é invocado como símbolo de um povo agonizante, que nada tem a celebrar com o canto, porque há um país que o mata lentamente.

Não encontramos aqui, símbolos intertextuais, mas sim um dialogismo das obras de Sophia com Camões.

**Marinheiro sem mar**

Longe o marinheiro tem  
Uma serena praia de mãos puras  
Mas perdido caminha nas obscuras  
Ruas da cidade sem piedade

Todas as cidades são navios  
Carregados de cães uivando à lua  
Carregados de anões e mortos frios

E ele vai baloiçando como um mastro  
Aos seus ombros apoiam-se as esquinas  
Vai sem aves nem ondas repentinas  
Somente sombras nadam no seu rastro.

Nas confusas redes de seu pensamento  
Prendem-se obscuras medusas  
Morta cai a noite com o vento

E sobe por escadas escondidas  
E vira por ruas sem nome  
Pela própria escuridão conduzido  
Com pupilas transparentes e de vidro

Vai nos contínuos corredores  
Onde os polvos da sombra o estrangulam  
E as luzes como peixes voadores  
O alucinam.

Porque ele tem um navio, mas sem mastros  
Porque o mar secou  
Porque o destino apagou  
O seu nome dos astros  
Porque o seu caminho foi perdido  
O seu triunfo vendido  
Aquela clara madrugada que  
viu lágrimas correrem no teu rosto  
e alegre se fez triste como se  
chovesse de repente em pleno agosto.

Ela só viu meus dedos nos teus dedos  
meu nome no teu nome. E demorados  
viu nossos olhos juntos nos segredos  
que em silêncio dissemos separados.

A clara madrugada em que parti.  
Só ela viu teu rosto olhando a estrada  
por onde um automóvel se afastava.



E viu que a pátria estava toda em ti.  
E ouviu dizer-me adeus: essa palavra  
que fez tão triste a clara madrugada.

#### Amor Somente

Em cada amor presente o amor ausente  
(amor como tu querias não havia)  
que para ti bastava amor somente  
e sempre em dor amor se consumia.

Talvez em ti amor fosse um repente  
um ver amor no amor que te não via  
ou talvez um buscar o verso ardente  
em que sempre o amor se convertia.

Tinhas que arder arder de puro ardor  
arder de fogo frio amor do amor  
amor já só ideia ou só palavra. (C. A., p. 199)

#### E ele tem as mãos pesadas de desastres

E é em vão que ele se ergue entre os sinais  
Buscando pela luz da madrugada pura  
Chamando pelo vento que há no cais

Nenhum navio lavará o nojo do seu rosto  
As imagens são eternas e precisas  
Em vão chamará pelo vento  
Que a direito corre pelas praias lisas

Ele morrerá sem mar e sem navios  
Sem rumo distante e sem mastros esguios  
Morrerá entre paredes cinzentas  
Pedaços de braços e restos de cabeças  
Boiarão na penumbra das madrugadas lentas (...) (M. P, 91)

No poema *Marinheiro sem Mar*, o mar surge como símbolo de intertextualidade, e simboliza as navegações, os descobrimentos. Tudo vem dele e tudo a ele regressa. É o espaço da vida, das transformações e da morte.

Já nas obras do poeta Manuel Alegre, percebemos a contemporaneidade literária de Camões em seus livros, *O Canto e as Armas*, e *Com que Pena—Vinte Poemas para Camões*:

**E alegre se fez triste**

Contextualizamos, portanto, que a contemporaneidade de Camões e de suas obras está presente em nossa literatura, uma vez que renomados autores contemporâneos buscam, signos literários, em Luís Vaz de Camões.

A partir do que referimo-nos no começo do presente artigo, confirmamos o conceito de Cânone Ocidental à Camões, visto que é o modelo de demais autores, e suas obras são consideradas, excepcionalmente *Os Lusíadas*, uma obra grandiloquente. Camões foi o escritor renascentista de vasta importância literária, e seus estudos, são imprescindíveis.

De fato, a literatura portuguesa seria outra, se não existisse o nosso grande Poeta Camões, com toda a sua ideologia e engenhosidade literária.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRESEN, Sophia de Mello. *Navegações*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

\_\_\_\_\_. *Obra poética* III. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

ALEGRE, Manuel. *Com que pena – Vinte poemas para Camões*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*– 8. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BAKHITIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp/Hucite, 1988.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. Lisboa: MEC– Departamento de Assuntos Culturais, 1973.

CAMÕES, Luís Vaz de: *Os Lusíadas*. Organizado por Emanuel Paulo Ramos. 2. ed. Lisboa: Porto, 1952.

CIDADE, Hernani. *Luís de Camões: o épico*. 5. ed. Lisboa: Bertrand, 1968.

KRISTEVA, Julia. *Semeiotike: recherches pour une sémanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1978. Coleção Points-Essai.

*ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA*

MOISÉS, Massaud. *Presença da literatura portuguesa*. Sob a direção de Antônio Soares Amora. 4. ed. São Paulo: Difel, 1983.

PESSOA, Fernando: *Mensagem*. Lisboa: Editorial Império, 1934.

SENA, Jorge: *Estudos de literatura portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1980.

<http://www.manuelalegre.com>

<http://br.oocities.com/poesiaeterna/poetas/portugal/manuelalegre>

<http://www.maricell.com.br/sophiandresen/sophia12.htm>